

Fiscalização eficaz, a sugestão

Da sucursal de
BRASÍLIA

O governo brasileiro vai exigir do Fundo Monetário Internacional (FMI) que promova uma efetiva e eficaz fiscalização sobre os países desenvolvidos, principalmente os Estados Unidos, para que suas políticas econômicas não venham perturbar a ordem financeira internacional, ou prejudicar o esforço de ajustamento das nações em desenvolvimento.

Essa posição será manifestada amanhã, na reunião do Comitê Interno do Fundo, em Washington, pelo ministro Ernane Galvésas, da Fazenda. Segundo seu assessor diplomático, Tarcísio Marciano da Rocha, Galvésas vai exigir do Fundo que "desencoraje" os países desenvolvidos de continuarem com políticas danosas aos países em desenvolvimento.

Como o poder de barganha do Brasil para fazer qualquer exigência ao FMI é reduzido, o ministro da Fazenda tentará, na realidade, fazer "um trabalho de persuasão", na esperança de ver estabilizada a atual taxa de juros internacionais em 12%. Se essa persuasão não der resultado e as taxas de juros aumentarem, Marciano da Rocha aconselha todos a "rezarem".

"Os efeitos serão catastróficos", reconhece o assessor de Galvésas. Por isso, o ministro vai reiterar, também na reunião do Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial, na sexta-feira, que não há nada mais danoso para os países em desenvolvimento do que o financiamento do déficit fiscal norte-americano, porque eleva as taxas de juros. Advertirá ainda que, a continuar a elevação das taxas de juros, ocorrerá uma deterioração grave nas nações menos desenvolvidas, que poderá alimentar conflitos sociais e políticos.

Tarcísio Marciano da Rocha ressaltou que o Brasil ainda tem fôlego para suportar a recente elevação da **prime rate** em 1%, num período de 17 dias. Ele evitou comentar a eventualidade de o Brasil solicitar a reformulação do acordo com o Fundo, em decorrência da nova conjuntura. Afinal, o País já tem um débito adicional de US\$ 700 milhões na conta de juros, este ano.

O que vai acontecer, conforme o assessor, é que o Brasil deverá ampliar o esforço para obter um saldo comercial superior aos US\$ 9,1 bilhões programados, sem a necessidade de mais contração nas importações.

Galvésas retorna no sábado ao Brasil, mas ainda nos Estados Unidos deverá manter encontro com o secretário do Tesouro, Donald Regan, durante o qual vai reafirmar que a elevação das taxas de juros não só é um forte obstáculo à recuperação da economia brasileira, como poderá causar sérias erosões nas forças da economia norte-americana.